

Melhores Contos Rubem Braga

Autor: **Rubem Braga**

Tema: **Diálogos com a Sociologia e com a Antropologia**

Gênero literário: **Conto**

Editora: **LDM**

Elaboração: **Marina Bulbow Gozzi**

**Pedagoga e Mestre em Educação (FEUSP) |
Assessora pedagógica e formadora de professores
na área de Língua Portuguesa e Literatura**



SUMÁRIO

CARTA AO PROFESSOR 3

**PROPOSTAS DE ATIVIDADES I:
ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA 10**

**PROPOSTAS DE ATIVIDADES II:
ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES 23**

APROFUNDAMENTO 26

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES 28

BIBLIOGRAFIA COMENTADA 29



CARTA AO PROFESSOR

Cara professora, caro professor,

Este manual foi elaborado para que você possa consultá-lo ao planejar o trabalho de leitura do livro *Melhores Contos Rubem Braga*, publicado pela primeira vez em 1985. Aqui, você encontrará algumas propostas de atividades para serem trabalhadas antes, durante e depois da leitura dos contos; são atividades de leitura, escrita, oralidade e interdisciplinaridade cujo objetivo principal é a ampliação do repertório literário dos estudantes.

A obra literária em questão é uma antologia composta de 39 contos de Rubem Braga (1913-1990), selecionados pelo professor de Teoria Literária e Leitura Comparada na Universidade de São Paulo, ensaísta e crítico literário Davi Arrigucci Jr., na seguinte ordem: “Tuim criado no dedo”, “Diário de um subversivo”, “A moça rica”, “O jovem casal”, “Negócio de menino”, “Coração de mãe”, “Marinheiro na rua”, “O homem da estação”, “Falamos de carambolas”, “Era uma noite de luar”, “Viúva na praia”, “A navegação da casa”, “Aula de inglês”, “Caçada de paca”, “A partilha”, “Noite de chuva”, “Os perseguidos”, “A mulher que ia navegar”, “Força de vontade”, “O espanhol que morreu”, “O rei secreto de França”, “Visita de uma senhora”, “Praga de menino”, “Um braço de mulher”, “Conto de Natal”, “Lembrança de Zig”, “Os amantes”, “O sino de ouro”, “A primeira mulher do Nunes”, “O cajueiro”, “Encontro”, “O afogado”, “Madrugada”, “História de pescaria”, “O mato”, “Do Carmo”, “Visão”, “As luvas” e “As meninas”. Embora todos esses contos representem a intensa produção de Rubem Braga, há quem sinta falta de outras de grande importância, tais como “Ai de ti, Copacabana” e “Recado ao Senhor 903”.

Apesar de estarmos nos referindo a uma coletânea de contos, Rubem Braga dedicou a sua vida à escrita de crônicas, escrevendo mais de 15 mil em seus 62 anos de produção literária e, por isso, é considerado um dos maiores cronistas brasileiros. Assim, sabendo que contos e crônicas são gêneros que não possuem a mesma estrutura, nem as mesmas características e objetivos, na leitura dessa obra temos uma questão importante a ser discutida: a grande familiaridade das crônicas com contos na obra de Rubem Braga. Ou seja, por que em uma coleção de melhores contos temos também crônicas?

Neste sentido, o próprio Davi Arrigucci Jr., que fez a seleção dos contos, afirma no prefácio do livro:

Do ponto de vista do gênero, eram narrativas, contavam quase sempre uma história, mas muitas vezes de um jeito tão tênue e esgarçado, que pareciam mais a meditação lírica de um Eu que falasse sozinho, recordando contemplativamente, em tom confessional, momentos vividos com grande intensidade. Mas esses momentos, marcados pela subjetividade, se enredavam de algum modo num relato objetivo, que se abria ao leitor, tornado uma espécie de ouvinte íntimo, trazido para junto de uma interioridade cujo contacto era imediato. Vistas como narração de um caso pessoal ou relacionado com o autor, sempre disposto a desfiar suas memórias capixabas atadas a instantâneos do mundo urbano, logo revelavam seu parentesco próximo com o conto. Não diretamente com a forma literária moderna desse gênero, que, como se sabe, vem do Romantismo e de Edgar Allan Poe, mas com a *forma simples* do conto oral, ou mais propriamente com o *causo* popular do interior do Brasil, onde um saber feito de experiências se comunica de boca em boca por obra de narradores anônimos. O cronista era um tipo de narrador (assim como o cronista medieval era o narrador da História), portador de uma sabedoria prática acumulada lentamente ao longo dos anos vividos no interior ou em contacto com a vida de província. Substância remanescente do passado, matéria viva ainda nas mãos daquele que molda suas histórias com o que pôde aprender da vida e deixa na massa fugaz dos dias a marca da memória do que passou. (p. 9-10)

E também na parte da biobibliografia do livro:

A presente coletânea acompanha, com alterações, uma seleção prévia do Autor, que reviu, modificando por vezes bastante, os textos escolhidos. A qualidade literária e o caráter narrativo nortearam a escolha final destas crônicas que, sob vários aspectos, são também contos, formando mais que uma antologia, um livro novo do velho Braga, falecido em 19 de dezembro de 1990, no Rio de Janeiro. (p. 200-201)

Assim, é importante saber quais diferenças nos interessam nesse trabalho ao compararmos os dois gêneros em questão, no sentido de tentarmos identificar as suas fronteiras e entender essa nomeação às obras de Rubem Braga, apesar de isso não ser uma tarefa simples.

De qualquer forma, é importante que os estudantes saibam que os contos, embora difíceis de serem definidos de uma única forma, podem ser considerados de duas maneiras, a depender do contexto em que os estamos analisando:

O conto como forma simples, expressão do maravilhoso, linguagem que fala de prodígios fantásticos, oralmente transmitidos de geração a geração e o conto adquirindo uma

formulação artística, literária, escorregando do domínio coletivo da linguagem para o universo do estilo individual de um certo escritor. (MARIA, 1992, p. 8)

Neste sentido, ao considerarmos o aspecto literário, um conto, geralmente, é definido como uma narrativa curta; um texto em prosa que dá o seu recado em reduzido número de páginas ou linhas.

Mas não seria um simplismo defini-lo apenas pelo tamanho? Não é bem isso. Ocorre, porém, que a forma conto apresenta como sua maior qualidade o fator concisão. Concisão e brevidade. Assim, o dado quantitativo é mera decorrência do aspecto qualitativo do texto. Curto porque denso. É inegável, por exemplo, que um escritor, ao escrever um conto, parte da noção de limite, sabendo que, se não tem o fator tempo jogando no seu time, deverá brigar com a densidade. Se não conta com o livre esparramar-se no sentido horizontal, se busca construir com a linguagem quase que o efeito de um *flash*, conduz a narrativa de modo a que o princípio da economia opere a máxima profundidade, alcançando a dimensão vertical.

[...]

Tempos houve em que um bom conto era a narração de um episódio com princípio, meio e fim, passando naturalmente num mesmo espaço físico, dentro de um limite razoável de tempo e constituído de uma única ação, ou, em linguagem um pouco mais formalizada, uma narrativa que apresentasse unidade de espaço, unidade de tempo e unidade de ação [...] Há casos em que o conto apresenta tal brevidade, levando ao limite máximo a economia verbal em que se esfumam por completo os limites que poderiam demarcar as fronteiras do conto e as da simples anedota, direta, esquemática, completamente carente de descrições de local, situação, personagem etc. (MARIA, 1992, p. 21 e 23)

Mas como definir o conto? Para Mário de Andrade, é preciso investir soberania ao criador, afinal, quem seria melhor pessoa para dizer o que é conto se não quem o escreveu? Afinal, o conto será sempre aquele que seu autor batizou com o nome de conto.

Já crônicas, que vem do grego *chronos* e significa tempo, também se apresentam como uma narrativa curta, mas diferente do conto em relação à sua duração:

A crônica é uma composição curta, uma vez que o espaço no jornal e na revista é sempre muito definido, mas ela é tão descartável quanto o jornal de ontem e a revista da semana passada, seja pela própria contingência de aparecer nesses veículos, seja pelo fato de, na maioria dos casos, correr o risco de não se constituir como página literária. Vira produto altamente perecível e realmente desaparece. (CUNHA, 2014, p. 7)

Antonio Candido corrobora com essa afirmação em seu belíssimo texto “A vida ao rés do chão”:

Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originariamente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra em um dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha. Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés do chão. (CANDIDO, 1992, p. 6)

No entanto, mais do que saber das características estruturais, é importante que os estudantes saibam que os gêneros literários surgiram em diferentes tempos e em consequência de transformações impostas na vida social e das necessidades de diálogo com essas transformações. Enquanto o conto foi, em sua primitiva forma, segundo Maria (1992, p. 6), “uma narrativa oral, frequentando as noites de lua em que antigos povos se reuniam e, para matar o tempo, narravam ingênuas estórias de bichos, lendas populares ou mitos arcaicos”, a crônica, como conhecemos, surgiu em outro tempo, a partir das novas necessidades que vida social e cotidiana nos impõe.

Houve um tempo, por exemplo, em que alguns escritores começaram a olhar para a sociedade que os rodeava visando tomar apenas um breve instante ou uma situação que representava um traço da identidade do grupo. Com a urbanização e os periódicos (jornais, revistas), os meios de comunicação se tornaram cada vez mais práticos na produção de textos e mais rápidos na divulgação das ideias, e surgiram as crônicas. Assim, oferecer uma crônica para o aluno é trazer um texto que discute um fragmento da vida social, um retrato de uma parte do mosaico cultural no qual ela se insere, é oferecer uma parte do espelho para que o indivíduo perceba maneiras diferentes de representar características sociais marcantes em determinadas culturas. (GREGORIN, 2012, p. 153)

Dessa forma, essa “mistura de definições” de gêneros e a grande dificuldade de definir limites e fronteiras na obra de Rubem Braga parece demonstrar algo de muito especial em sua produção: as suas escritas perdem a efemeridade comum da crônica para se tornar algo mais duradouro como os contos; sua produção, por sua notável qualidade literária e necessidade de não desaparecer, deixa de ser perecível. Como diz David Arrigucci Jr.:

Em princípio, as crônicas não pretendem ficar; são circunstanciais e sem importância propriamente literária. Por isso, são fugazes como a matéria de que tratam – os fatos do dia; como os dias passam, confundindo-se com a matéria propriamente dita onde são impressas – descartáveis como as folhas de jornal. No entanto, a sensibilidade de Braga para a poesia das coisas que se perdem parece ter-se aguçado no trato profundo com o próprio meio moderno que escolheu para se exprimir, como se o jornal lhe tivesse afinado o senso do instantâneo e do perecível. Assim como as outras coisas de que tratam, as crônicas se destinam ao mercado e valem pela novidade imediata. Neste caso, porém, são fruto de um trabalho que caminha numa direção oposta. A seu modo, o cronista narrador é um artesão ilhado no meio da indústria da informação. Os objetos que ele molda, aparentemente apenas com o fato fugaz também destinado à fugacidade, na verdade são feitos da matéria de sua própria vida: a experiência carregada de substância pessoal, destinada, como tudo, a perecer, mas impregnada pelo desejo de ficar. Em contradição com o meio, sobra a esse cronista aquela espécie de solidão marginal, o que, provavelmente, o torna tão receptivo e disponível para perceber as coisas miúdas e também à margem, com que tende a identificar-se. É com elas e, por assim dizer, com sua própria substância mortal que ele faz suas histórias. Num mundo como o nosso, já bastante estandardizado, de relações reificadas, onde tudo pode virar mercadoria e em si nada valer, o velho Braga, em meio ao mais efêmero, não apenas nos dá a impressão súbita do momento de beleza fugitiva, mas a dignidade e a poesia do perecível, quando tocado por um dedo humano. (p. 36-37)

Rubem Braga nasceu em 12 de janeiro de 1913, em Cachoeiro de Itapemirim, no estado do Espírito Santo, e teve sua via de escritor iniciada aos quinze anos de idade, quando passou a escrever para um jornal de propriedade de seus irmãos em sua terra natal: o *Correio do Sul*. Embora sua primeira publicação tenha ocorrido nessa idade, a vocação para a literatura surgiu muito antes, pois era considerado um excelente aluno com produções textuais muito elogiadas em sua escola; alguns colegas até duvidavam de suas autorias.

Rubem Braga teve uma vida escritora de muito sucesso. Intitulava-se jornalista, apesar de ter se formado em Direito (curso iniciado em 1928 no Rio de Janeiro e concluído em Belo Horizonte, a partir de sua mudança em 1931). Passou por diversos jornais, atuando em inúmeras frentes do jornalismo. Assim, durante todos os 62 anos de carreira, escreveu mais de 15 mil crônicas, todas marcadas pela linguagem coloquial e por temas simples, como a vida no campo e a natureza, em contraposição à urbanidade e aos compromissos sociais da vida adulta. Seus textos eram marcados por elementos do cotidiano, a partir de um olhar universalizante e objetivo, sem perder o lirismo típico do caráter memorialístico. A profissão de advogado nunca foi exercida.

Foi escrevendo crônicas em 1932 para o jornal *Diário da Tarde*, em Belo Horizonte, que começou a ser reconhecido e entrou para a história da literatura. Além disso, foi trabalhando como jornalista neste jornal que teve a oportunidade de, como repórter, fazer a cobertura da Revolução Constitucionalista de 1932, ainda em Minas Gerais.

Em 1933, mudou-se para São Paulo e tornou-se cronista e repórter do *Diário de São Paulo*, onde conheceu Mário de Andrade. Em 1936, com apenas 23 anos de idade, publicou seu primeiro livro de crônicas, *O conde e o passarinho*. O autor recebeu influência tanto da primeira quanto da segunda geração do Modernismo brasileiro, principalmente do poeta Manuel Bandeira.

Em 1938, fundou a revista *Diretrizes* e, em 1944, ano em que publicou seu segundo livro *O morro do isolamento*, foi enviado para a Itália como correspondente de guerra na Segunda Guerra Mundial, tomando parte na campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB), em 1945. Quando esteve na Itália, com os expedicionários brasileiros, preferiu retratar o cotidiano dos soldados e falar das cartas que escreviam às namoradas ao invés de fazer reportagens épicas narrando feitos de guerra: as crônicas dessa época foram reunidas no livro *Com a FEB na Itália*.

Em 1961, Braga deixou o Brasil por três anos para trabalhar como embaixador do Brasil no Marrocos; nos anos 1980, escreveu para o *Jornal Hoje* da Rede Globo. Rubem Braga é autor também da versão moderna da *Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rey Dom Manuel*.

Ao trabalhar em diversos jornais no Rio de Janeiro, em São Paulo, Porto Alegre, Pernambuco, Paris e Santiago do Chile, Rubem Braga foi se consolidando como um mestre do “jornalismo de autor”; fez muitas reportagens no Brasil e, também, no exterior. Contudo, nunca quis escrever suas memórias, que foram se tornando cada vez mais o objeto de suas crônicas. Além de achar uma redundância, considerava o memorialismo um gênero chato. Aliás, nunca se intitulou escritor.

O “velho Braga”, como gostava de ser chamado, adorava a vida ao ar livre. Morava em um apartamento de cobertura, em Ipanema, onde mantinha um jardim completo com alguns canteiros de horta e com um pequeno pomar que produzia carambola, goiaba branca, goiaba vermelha, romã, abricó-da-praia, pitanga e manga Carlota. Um de seus passatempos prediletos era ficar sentado à sombra das árvores. Também adorava observar pássaros (tema de muitas de suas crônicas) e tinha tanques de peixes, pois adorava pescar.

Escreveu para o *Diário de Pernambuco*, quando se mudou para o Recife; fundou, no Rio de Janeiro, o jornal *Folha do Povo*, tomando partido na Aliança Nacional Libertadora (ANL); e, como outros intelectuais de esquerda da época, não escapou da perseguição política durante o governo de Getúlio Vargas. Em seus últimos anos de vida, publicou suas crônicas aos sábados no jornal *O Estado de São Paulo*.

Faleceu em 19 de dezembro de 1990, no Rio de Janeiro, de insuficiência respiratória, em decorrência de um câncer na laringe que optou por não tratar. Morreu poucos meses após o diagnóstico, nos deixando um importante legado: *O conde e o passarinho* (1936), *Morro do isolamento* (1944), *Com a FEB na Itália* (1945), *Um pé de milho* (1948), *O homem rouco* (1949), *50 crônicas escolhidas* (1951), *Três primitivos* (1954), *A borboleta amarela* (1955), *A cidade e a roça* (1957), *100 crônicas escolhidas* (1958), *Ai de ti, Copacabana* (1962), *Crônicas do Espírito Santo* (1964), *A traição das elegantes* (1967), *200 crônicas escolhidas* (1977), *O menino e o tuim* (1986), *As boas coisas da vida* (1988), *O verão e as mulheres* (1990), *1939: um episódio em Porto Alegre (Uma fada no front)* (1994), *Casa dos Braga: memória de infância* (1997) e *Um cartão de Paris* (1997).

Sem dúvida, se tratava de um cronista, de um narrador e comentarista dos fatos corriqueiros de todo dia, mas algo ali transfigurava a crônica, dando-lhe uma consistência literária que ela jamais tivera. Também se tratava de um escritor formado sob a influência do Modernismo, o grande movimento de renovação de nossas artes e de nossa vida intelectual neste século. Sua prosa, desataviada e livre, era claro sinal disso. Mas era um escritor diferente, pois havia escolhido um espaço diverso de criação: o espaço dominado pela informação jornalística. E, novo paradoxo, parecia discrepar naquele meio moderno da informação, como se o que trazia para expressar fosse inteiramente incompatível com o jornal.

É que trazia algo escasso nos tempos atuais: a sua própria experiência. Uma experiência particular, densa e complexa, inusitada para o tempo e o lugar, mas capaz de se transmitir a muitos que nela se reconheciam, permeáveis ao que havia ali de comum e solidário. Uma experiência que se transmitia por histórias; pela arte do narrador, que parecia vir de outros tempos e retomar o fio da tradição oral, nunca interrompido no Brasil, enlaçando-se ao mesmo novelo dos contadores de causos imemoriais. (p. 7-8)

Por meio dessa extensa obra, Rubem Braga deu um novo *status* à crônica já que até o século XIX a crônica era vista como um gênero literário menor e os escritores dedicavam-se muito pouco a este tipo de texto: o gênero passou a ser reconhecido mesmo entre os críticos, pois Braga conferiu à crônica o lirismo, a poesia e a leveza. De acordo com Davi Arrigucci Jr.:

Desde que surgiu para a literatura na década de 30, Rubem Braga nos encanta com suas histórias. Ao longo dos anos, em meio às atribulações do dia a dia, o leitor brasileiro se habituou a esperar, em certos jornais e revistas, os dois dedos de prosa com que o “velho Braga” o prendia ao seu visgo de impenitente caçador de passarinhos. O assunto podia ser escasso ou faltar, mas o “puxa-puxa”, como o chamou um dia Manuel Bandeira, se fazia assim mesmo, e tanto melhor quanto menos fosse a matéria escolhida. O narrador

armava uma esparrela transparente: o pobre leitor incauto caía sempre, enleado naquela rede paradoxal, porque tecida de frases aéreas, soltas, borboleteantes em torno de um alvo incerto ou fugidio. De repente, naquela linguagem volátil, se encontrava terra a terra com a poesia do cotidiano. (p. 7)

Deste modo, o trabalho com o livro *Melhores Contos Rubem Braga* é fundamental na formação literária de nossos jovens estudantes do Ensino Médio e possibilita o desenvolvimento de um tema muito importante para alunos dessa faixa etária: os possíveis diálogos com a Sociologia e com a Antropologia, já que os contos de Rubem Braga nos permitem discutir sobre as “coisas da vida”.

Além disso, esse trabalho prevê o desenvolvimento dos seguintes elementos sugeridos na BNCC (BRASIL, 2018, p. 499):

- ▶ a consolidação do domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais já contemplados anteriormente e a ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão;
- ▶ o aumento da complexidade dos textos lidos e produzidos em termos de temática, estruturação sintática, vocabulário, recursos estilísticos, orquestração de vozes e semioses;
- ▶ o foco maior nas habilidades envolvidas na reflexão sobre os textos e práticas (análise, avaliação, apreciação ética, estética e política, valoração, validação crítica, demonstração etc.).

Ao preparar as suas aulas, no entanto, é importante considerar as adaptações necessárias para a prática docente, para que possa diminuir a distância entre o que é sugerido aqui e o que realmente seja significativo para sua turma.

Bom trabalho e boas conversas com o “velho Braga”! Temos certeza de que você e os alunos vão gostar!

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ATIVIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA _____

As primeiras atividades, que têm como objetivo aproximar os estudantes da obra selecionada, estão de acordo com as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio, na área de Linguagens e suas Tecnologias.

O desenvolvimento dessas habilidades possibilita aos jovens estudantes a conquista de competências específicas para o aprimoramento da língua materna, as quais são urgentes dentro e fora do contexto escolar. Essas atividades estão estruturadas em três diferentes etapas, intimamente relacionadas e que se complementam: pré-leitura, leitura e pós-leitura.

Pré-leitura

Como já sabe, *Melhores Contos Rubem Braga* é uma coletânea composta de 39 contos de Rubem Braga, selecionados pelo professor Davi Arrigucci Jr. e publicada pela primeira vez em 1985. Antes de iniciar a leitura, é importante fazer a contextualização do autor e da obra.

Para essa etapa de pré-leitura, sugerimos desenvolvê-la em duas aulas:

a) Na primeira aula, organize uma roda e, com o livro em mãos, mostre a sua capa, apresente brevemente a obra e o autor, tecendo comentários sobre sua importância para a literatura brasileira. Em seguida, aborde o título e abra um espaço de conversa para que os alunos possam falar livremente do que sabem sobre o autor e sobre a obra apresentada.

- ▶ Quem é Rubem Braga? O que vocês sabem sobre ele?
- ▶ Alguém conhece alguma obra desse escritor?

Após possibilitar o primeiro contato com o autor, peça aos estudantes que manuseiem livremente a obra, lendo e observando a capa e a contracapa, as orelhas, as páginas iniciais; analisando o índice que consta ao final do livro; realizando a leitura de alguns contos e das páginas finais, onde consta uma biobibliografia do autor. Planeje um tempo suficiente para que, de fato, eles possam explorar e “sentir” o livro. Se julgar necessário, abra uma conversa para compartilharem as descobertas feitas e as primeiras impressões sobre o livro.

Nessa primeira conversa sobre o livro e o autor, é imprescindível abordar a questão do gênero da obra, como explicado anteriormente: trata-se de uma seleção de crônicas, já que Rubem Braga é um cronista por excelência, mas que estão sendo consideradas contos pela “mistura estilística” de sua escrita: suas crônicas perdem o caráter de uma produção efêmera, tornando-se duradouras como os contos; é uma maneira de imortalizar suas importantes composições literárias.

Além disso, sugerimos a leitura das partes 1 e 2 do prefácio (p. 7-18) que trazem importantes detalhes sobre essa questão. Por se tratar de um texto bastante complexo, merece um estudo mais minucioso, sugerimos realizar a leitura compartilhada (aquela em que você lê em voz alta e os estudantes acompanham usando os próprios livros). Após a leitura, não deixe de explorar os trechos em que em o próprio Davi Arrigucci Jr. explica a questão do gênero literário das crônicas de Rubem Braga: tanto a relação entre conto e crônica, como a da poesia *versus* prosa.

Para finalizar a aula, encomende a leitura das partes 3 e 4 do prefácio (p. 18-37) como tarefa de casa e peça que grifem as partes que julgarem importantes na contextualização da obra a ser lida.

b) Inicie a segunda aula retomando os pontos importantes da leitura da aula anterior e, em seguida, abra uma conversa sobre a leitura feita em casa:

- ▶ O que as partes 3 e 4 do prefácio nos revelam? Qual é a temática trazida por Davi Arrigucci Jr. nesses textos?
- ▶ Qual a diferença da temática abordada nas partes 1 e 2 lidas na aula anterior?

A parte 3 do prefácio explora a influência do movimento Modernista na produção de Rubem Braga, principalmente do escritor Manuel Bandeira (1886-1968): as bases de sua escrita se alicerçaram durante a segunda geração do Modernismo brasileiro e suas crônicas são caracterizadas por temáticas como a reflexão sobre fatos do dia a dia, a universalidade de temas, as marcas de oralidade e coloquialismo, o caráter memorialístico, a predominância do tempo presente, a crítica sociopolítica, o tom melancólico, entre outros.

Assim, ao retomar a leitura, não deixe de comentar alguns trechos, por exemplo, o da página 19:

Contudo, o que parece mais seguro e importante é reconhecer a relação de Braga com a tradição pós-simbolista por intermédio de um poeta do Modernismo brasileiro: Manuel Bandeira, em cuja poesia ele terá descoberto de fato profundas afinidades.

Ou outro interessante trecho, das páginas 23 e 24:

No caso de Bandeira, por exemplo, sem perder de vista o peso de determinações de outra espécie, vindas da tradição artística e literária do momento, entre outras, se nota uma nítida aproximação a um cotidiano que não é exatamente, em termos de classe, o do poeta. Por condições específicas de sua formação e da experiência que teve, não há

dúvida de que sua sensibilidade se torna muito receptiva, se não adere, às formas de vida do cotidiano popular, tal como pode observá-lo de perto em seu quarto também pobre de doente recolhido e solitário, no Morro do Curvelo e no coração da Lapa, no Rio das décadas de 20 e 30, quando reencontrou a pobreza com que já tivera contactos, no trecho decisivo da infância passado no Recife. Braga é claramente herdeiro da tradição bandeiriana e, sobretudo por via dessa, da modernista.

Em continuação a essa questão, na parte 4, é possível discutir com mais detalhes as temáticas da obra de Rubem Braga: “às formas da vida e do trabalho simples, aos objetos esquecidos, às coisas antigas, aos entes da natureza, aos seres e às coisas humildes em geral” (p. 25).

Logo após, peça aos estudantes para, individualmente, escolherem dois ou três contos para fazer a leitura de forma aleatória e relacioná-los ao prefácio. Organize uma boa conversa sobre essas observações iniciais, garantindo registros escritos para que as informações possam ser revisitadas nas próximas etapas do trabalho.

Para encerrar essa etapa de pré-leitura, sugerimos que você selecione alguns trechos de vídeos que trazem outras informações sobre o autor:

- ▶ Rubem Braga. Entrelinhas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zBEYnWplQLc>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- ▶ Rubem Braga. Cronistas do Rio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=quZKudWPhtQ>. Acesso em: 1 fev. 2021.
- ▶ Cem anos de Rubem Braga. Iluminuras. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4SGdhsIfNBE>. Acesso em: 1 fev. 2021.

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas nas atividades propostas:

- ▶ (EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na recepção, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor previsto, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.).
- ▶ (EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).

- ▶ (EM13LP45) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- ▶ (EM13LP51) Analisar obras significativas da literatura brasileira e da literatura de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como elas dialogam com o presente.

Leitura

O objetivo desta etapa do trabalho é fazer a leitura detalhada do livro. Para isso, sugerimos reservar nove aulas “duplas” (as famosas “dobradinhas”) para essa etapa: em cada aula serão realizadas as leituras de 4 a 5 contos seguidas de conversas apreciativas. Assim, para cada leitura, planeje um momento de conversa sobre o conto em uma mesma aula.

Essa etapa de leitura está intimamente relacionada com a próxima, a de pós-leitura: não será possível fazer a leitura dessa coletânea de uma única vez, como acontece, muitas vezes, com outros gêneros literários. Portanto, será preciso mesclar momentos de leitura, seguidos de apreciação literária e contextualização da obra com intervenções didáticas feitas por você para que a compreensão do livro possa ser garantida.

Assim, procure diversificar o máximo que puder as estratégias de leitura e seus agrupamentos para desenvolver essa etapa, já que a organização do livro permite o planejamento da leitura em momentos/dias/aulas diferentes: a leitura do livro poderá ser realizada individualmente, em duplas/trios ou em pequenos grupos; poderá ser compartilhada ou não, ou seja, silenciosamente e/ou em voz alta; você também poderá realizar a leitura em sala de aula progressivamente e encomendar leituras para serem feitas aos poucos como tarefas de casa, mas garantindo que todas as leituras feitas sejam retomadas no coletivo com a sua mediação.

Para as situações de leitura em voz alta feita por você, prepare-as com antecedência para garantir a entonação, o ritmo e a musicalidade dos textos. No momento da leitura, não substitua palavras consideradas difíceis, nem pare para explicar o significado delas: na maioria das vezes, é possível compreender os sentidos pelo próprio contexto; evite, assim, que o pacto entre o leitor e o texto se rompa.

Neste sentido, é importante reforçar que

o regresso aos textos por meio da conversa sempre traz algo novo. A princípio para quem fala, já que escuta enquanto diz a outros o que o texto suscitou em si e desse modo ensaia sua leitura como um músico quando lê uma partitura. Nesse ensaio, a pessoa muitas vezes se surpreende com os sons da sua própria interpretação. Pôr para fora, para os outros a música de nossa leitura pode nos revelar os realces que conferimos àquilo que lemos, as melodias que evocamos ou a percepção de sua ausência, os ruídos ou os silêncios que os textos nos despertam. Esses sons saem e se encontram com outros: os das partituras dos outros leitores. Como em um ensaio de orquestra, o texto cresce em acordes sonantes e dissonantes com eco às vezes inesperados para os intérpretes. Chambers se refere a esse encontro com a palavra do outro, ao “falar juntos”, como um momento de “decolagem”, de voo em direção a algo que até o momento do bate-papo nos era desconhecido. A escuta da interpretação dos outros se entremeia com a nossa. Os fragmentos de sentido que originamos nesse encontro, quando entram em contato com os fragmentos dos outros, podem gerar algo novo, algo a que talvez não chegaríamos na leitura solitária. (BAJOUR, 2012, p. 23-24)

Proporcionar a experiência e o encontro com o texto literário pode ser um “divisor de águas” na vida dos estudantes: em meio à avalanche de mensagens e estímulos externos, a experiência literária oferece ao leitor a possibilidade de encontrar-se nos mundos simbólicos que outros seres humanos construíram. Não é função da literatura transformar o mundo, mas ela consegue deixá-lo habitável.

A literatura, precisamente, é um dos instrumentos humanos que melhor ensina a se perceber que há mais do que o que se diz explicitadamente. Qualquer texto tem vazios e zonas de sombra, mas no texto literário a elipse e a confusão foram organizadas deliberadamente. Como quem aprende a andar pela selva notando as pistas e sinais que lhe permitirão sobreviver, aprender a ler literatura dá oportunidade de se sensibilizar os indícios da linguagem, de converter-se em alguém que não permanece à mercê do discurso alheio, alguém capaz de analisar e julgar, por exemplo, o que se diz na televisão ou perceber as estratégias de persuasão ocultas em um anúncio. (COLOMER, 2007, p. 70)

Além disso, a cada leitura feita, peça aos estudantes que categorizem o conto a partir de uma temática possível com base em suas impressões para que possam ser socializadas na próxima etapa.

A seguir, sugerimos os contos a serem lidos para cada aula dessa etapa, seguindo a própria sequência do livro:

- 1ª aula: “Tuim criado no dedo” (p. 41-44), “Diário de um subversivo” (p. 45-48), “A moça rica” (p. 49-51) e “O jovem casal” (p. 53-55).
- 2ª aula: “Negócio de menino” (p. 57-58), “Coração de mãe” (p. 59-64), “Marinheiro na rua” (p. 65-67) e “O homem da estação” (p. 69-71).
- 3ª aula: “Falamos de carambolas” (p. 73-76), “Era uma noite de luar” (p. 77-83), “Viúva na praia” (p. 85-87) e “A navegação da casa” (p. 89-93).
- 4ª aula: “Aula de inglês” (p. 95-98), “Caçada de paca” (p. 99-101), “A partilha” (p. 103-105) e “Noite de chuva” (p. 107-109).
- 5ª aula: “Os perseguidos” (p. 111-113), “A mulher que ia navegar” (p. 115-117), “Força de vontade” (p. 119-121), “O espanhol que morreu” (p. 123-124) e “O rei secreto de França” (p. 125-127).
- 6ª aula: “Visita de uma senhora” (p. 129-131), “Praga de menino” (p. 133-138), “Um braço de mulher” (p. 139-145) e “Conto de Natal” (p. 147-150).
- 7ª aula: “Lembrança de Zig” (p. 151-156), “Os amantes” (p. 157-161), “O sino de ouro” (p. 163-165) e “A primeira mulher do Nunes” (p. 167-171).
- 8ª aula: “O cajueiro” (p. 173-174), “Encontro” (p. 175-176), “O afogado” (p. 177-180), “Madrugada” (p. 181-182) e “História de pescaria” (p. 183-185).
- 9ª aula: “O mato” (p. 187-188), “Do Carmo” (p. 189-190), “Visão” (p. 191-192), “As luvas” (p. 193-195) e “As meninas” (p. 197-198).

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas nas atividades propostas:

- (EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na recepção, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor previsto, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.).
- (EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).
- (EM13LP04) Estabelecer relações de interdiscursividade e intertextualidade para explicitar, sustentar e qualificar posicionamentos e para construir e referendar explicações e relatos, fazendo uso de citações e paráfrases devidamente marcadas.

- ▶ (EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.
- ▶ (EM13LP45) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- ▶ (EM13LP48) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

Pós-leitura

O espaço de pós-leitura, que realizaremos em paralelo às leituras descritas na etapa anterior, é de grande importância para atingir os objetivos deste trabalho e, sobretudo, enriquecer a formação literária dos estudantes.

Em um primeiro momento, essa etapa será destinada exclusivamente às conversas apreciativas. Em seguida, serão trabalhadas outras atividades que também poderão ser significativas. Assim, as propostas, como dito anteriormente, são apenas sugestões e possibilidades de intervenções didáticas que você poderá usar nesses potentes espaços de conversas, já que a sua mediação é de extrema importância para aprofundar o intercâmbio entre os leitores.

a) Para que a primeira parte dessa etapa do trabalho seja desenvolvida como sugerimos, estimamos o tempo de nove aulas duplas, já que após a leitura dos contos é fundamental abrir uma conversa apreciativa em uma mesma aula, para garantir que as impressões e as sensações não se percam.

Ao socializar a categorização temática feita pelos alunos, sugerimos deixar cada estudante falar livremente sobre as características do conto que o levaram a ser inserido em algum tema. Como sugestão, pensamos nas quatro categorias a seguir, mas você e sua turma poderão chegar a outras:

- D Vida simples no interior (lembranças da infância e meninice) *versus* vida agitada na cidade grande: “Tuim criado no dedo”; “A moça rica”; “Negócio de menino”; “Caçada de paca”; “Praga de menino”; “Lembrança de Zig”; “O sino de ouro”; “O cajueiro”; “História de pescaria”; “Coração de mãe”; “Marinheiro na rua”; “O homem da estação”; “A navegação da casa”; “O espanhol que morreu”; “O rei secreto de França”; “Um braço de mulher”; “Os amantes”; “O afogado”; “As luvas”.
- D Lutas sociais e por direitos humanos: “Diário de um subversivo”; “Era uma noite de luar”; “Os perseguidos”; “O jovem casal”; “Noite de chuva”; “Conto de Natal”.
- D Sobre amenidades da vida e coisas além da vida: “Falamos de carambolas”; “Aula de inglês”; “A partilha”; “Força de vontade”; “Visita de uma senhora”; “Do Carmo”; “Madrugada”; “O mato”; “Visão”.
- D Universo feminino: “Viúva na praia”; “A mulher que ia navegar”; “A primeira mulher do Nunes”; “Encontro”; “As meninas”.

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas nas atividades propostas:

- D (EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na recepção, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).
- D (EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.
- D (EM13LP45) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.
- D (EM13LP51) Analisar obras significativas da literatura brasileira e da literatura de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção (visões de mundo,

diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como elas dialogam com o presente.

- (EM13LP52) Produzir apresentações e comentários apreciativos e críticos sobre livros, filmes, discos, canções, espetáculos de teatro e dança, exposições etc. (resenhas, *vlogs* e *podcasts* literários e artísticos, *playlists* comentadas, *fanzines*, *e-zines* etc.).

b) Após as conversas apreciativas, você poderá, ainda, propor outras atividades para ampliar o seu trabalho com o livro:

- Produção de contos nos moldes dos de Rubem Braga.

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas na atividade proposta:

- (EM13LP02) Estabelecer relações entre as partes do texto, tanto na produção como na leitura/escuta, considerando a construção composicional e o estilo do gênero, usando/reconhecendo adequadamente elementos e recursos coesivos diversos que contribuam para a coerência, a continuidade do texto e sua progressão temática, e organizando informações, tendo em vista as condições de produção e as relações lógico-discursivas envolvidas (causa/efeito ou consequência; tese/argumentos; problema/solução; definição/exemplos etc.).
- (EM13LP06) Analisar efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, combinação e contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua.
- (EM13LP08) Analisar elementos e aspectos da sintaxe do português, como a ordem dos constituintes da sentença (e os efeitos que causam sua inversão), a estrutura dos sintagmas, as categorias sintáticas, os processos de coordenação e subordinação (e os efeitos de seus usos) e a sintaxe de concordância e de regência, de modo a potencializar os processos de compreensão e produção de textos e a possibilitar escolhas adequadas à situação comunicativa.
- (EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.
- (EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias – mediante seleção e apropriação de recursos textuais e expressivos do repertório artístico –, e/ou

produções derivadas (paródias, estilizações, *fanfics*, fanclipes etc.), como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

– Minuto “velho Braga”: programa de *web* rádio no pátio ou no *site* da escola para divulgar a vida e a obra de Rubem Braga.

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas na atividade proposta:

- ▶ (EM13LP11) Fazer curadoria de informação, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos.
- ▶ (EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.
- ▶ (EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).
- ▶ (EM13LP18) Utilizar *softwares* de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.
- ▶ (EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.
- ▶ (EM13LP51) Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.

– Produção de vídeos, de *podcasts*, de *vlogs* (ou *blogs*) e/ou de videominutos para a divulgação de indicações literárias referentes à obra de Rubem Braga.

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas na atividade proposta:

- ▶ (EM13LP11) Fazer curadoria de informação, tendo em vista diferentes propósitos e projetos discursivos.
- ▶ (EM13LP14) Analisar, a partir de referências contextuais, estéticas e culturais, efeitos de sentido decorrentes de escolhas e composição das imagens (enquadramento, ângulo/vetor, foco/profundidade de campo, iluminação, cor, linhas, formas etc.) e de sua sequenciação (disposição e transição, movimentos de câmera, remix, entre outros), das *performances* (movimentos do corpo, gestos, ocupação do espaço cênico), dos elementos sonoros (entonação, trilha sonora, sampleamento etc.) e das relações desses elementos com o verbal, levando em conta esses efeitos nas produções de imagens e vídeos, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de apreciação.
- ▶ (EM13LP15) Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.
- ▶ (EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).
- ▶ (EM13LP18) Utilizar *softwares* de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

- D (EM13LP20) Compartilhar gostos, interesses, práticas culturais, temas/problemas/questões que despertam maior interesse ou preocupação, respeitando e valorizando diferenças, como forma de identificar afinidades e interesses comuns, como também de organizar e/ou participar de grupos, clubes, oficinas e afins.
- D (EM13LP45) Analisar, discutir, produzir e socializar, tendo em vista temas e acontecimentos de interesse local ou global, notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens multimidiáticas, documentários, infográficos, *podcasts* noticiosos, artigos de opinião, críticas da mídia, *vlogs* de opinião, textos de apresentação e apreciação de produções culturais (resenhas, ensaios etc.) e outros gêneros próprios das formas de expressão das culturas juvenis (*vlogs* e *podcasts* culturais, *gameplay* etc.), em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, analista, crítico, editorialista ou articulista, leitor, vlogueiro e *booktuber*, entre outros.
- D (EM13LP51) Selecionar obras do repertório artístico-literário contemporâneo à disposição segundo suas predileções, de modo a constituir um acervo pessoal e dele se apropriar para se inserir e intervir com autonomia e criticidade no meio cultural.
- D (EM13LP52) Analisar obras significativas das literaturas brasileiras e de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos) ou outros critérios relacionados a diferentes matrizes culturais, considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como dialogam com o presente.

– Organização de debates intertextuais para confrontar os contos de Rubem Braga com textos de outros gêneros literários.

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas na atividade proposta:

- D (EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.
- D (EM13LP04) Estabelecer relações de interdiscursividade e intertextualidade para explicitar, sustentar e conferir consistência a posicionamentos e para construir e corroborar explicações e relatos, fazendo uso de citações e paráfrases devidamente marcadas.
- D (EM13LP16) Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à cla-

reza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ATIVIDADES INTERDISCIPLINARES

As atividades a seguir, cujo objetivo é garantir a interdisciplinaridade relacionada à obra *Melhores Contos Rubem Braga*, também estão de acordo com as habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Médio.

Nossa sugestão é realizar a gravação de um vídeo (em grupos ou um único para toda a turma) que apresente a vida e a obra de Rubem Braga em relação aos acontecimentos históricos vividos por ele durante a sua trajetória como jornalista/escritor. Dessa forma, além das habilidades da área de Língua Portuguesa e Literatura, as áreas de Arte e História também poderão ser desenvolvidas, ou seja, um trabalho interdisciplinar com os componentes curriculares previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na área de Linguagens e suas Tecnologias e na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

As atividades deste segundo bloco também estão estruturadas em três diferentes etapas: pré-leitura, leitura e pós-leitura.

Pré-leitura

Para realizar essa proposta, sugerimos dividir essa primeira parte do trabalho em duas aulas:

Aula 1: Nessa primeira aula, apresente a proposta do trabalho e alguns modelos de vídeos (de variados formatos e objetivos) para que os estudantes possam entender o que você está esperando como produto final e planejem as etapas de sua realização. Ouça todas as sugestões da turma, procure acolher e analisar as ideias mais aceitas, coletivamente, pela grande maioria.

Em seguida, proponha aos alunos a busca por diversos materiais sobre as temáticas já discutidas em aulas anteriores que envolvem a vida e a obra de Rubem Braga (além

deste livro estudado, livros, textos de gêneros variados, recorte de jornais, vídeos, canções, filmes, depoimentos, imagens, entre outros). Você pode pedir um recorte dessa busca por grupos ou sugerir a pesquisa livre, mas toda a turma precisará desses materiais para fazer as relações com os contos de Rubem Braga na próxima aula.

Para organizar essa pesquisa, você poderá elaborar um roteiro de pesquisa juntamente com os estudantes, a partir dos temas gerais sugeridos a seguir:

- Movimento Modernista no Brasil;
- Revolução Constituinte de 1932;
- O governo de Getúlio Vargas: a Era Vargas;
- Segunda Guerra Mundial.

Combinem o tempo que terão para essa pesquisa e marquem uma data para a aula de socialização dos materiais. Você e os outros professores envolvidos nesse trabalho também devem colaborar com esses materiais.

Aula 2: Para começar essa aula, marcada com antecedência, organize uma roda de conversa em que os grupos possam socializar os materiais que selecionaram e, depois, coletivamente, planejem a exploração dos materiais que poderá ser realizada por pequenos grupos divididos por subtemas – cada grupo deve ser responsável por uma parte (ou mais) do roteiro. Combinem uma data para que cada grupo apresente a seleção final dos materiais que serão utilizados na próxima etapa, que é a leitura dos materiais propriamente dita, juntamente com a nova leitura do livro *Melhores Contos Rubem Braga*. Assim, será de extrema importância que cada grupo tenha registros escritos dos materiais selecionados para socializar para a turma (já tendo feito algumas relações possíveis).

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas:

- (EM13LP28) Organizar situações de estudo e utilizar procedimentos e estratégias de leitura adequados aos objetivos e à natureza do conhecimento em questão.
- (EM13LP30) Realizar pesquisas de diferentes tipos (bibliográfica, de campo, experimento científico, levantamento de dados etc.), usando fontes abertas e confiáveis, registrando o processo e comunicando os resultados, tendo em vista os objetivos pretendidos e demais elementos do contexto de produção, como forma de compreender como o conhecimento científico é produzido e apropriar-se dos procedimentos e dos gêneros textuais envolvidos na realização de pesquisas.
- (EM13LP32) Selecionar informações e dados necessários para uma dada pesquisa (sem excedê-los) em diferentes fontes (orais, impressas, digitais etc.) e comparar

autonomamente esses conteúdos, levando em conta seus contextos de produção, referências e índices de confiabilidade, e percebendo coincidências, complementaridades, contradições, erros ou imprecisões conceituais e de dados, de forma a compreender e posicionar-se criticamente sobre esses conteúdos e estabelecer recortes precisos.

- ▶ (EM13CHS101) Identificar, analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão de ideias filosóficas e de processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.
- ▶ (EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

Leitura

Esta é a etapa da leitura dos registros escritos dos materiais analisados e dos contos do livro *Melhores Contos Rubem Braga*, a fim de tecer as relações necessárias para a produção do vídeo ou vídeos (a depender do que a turma combinou). Para isso, elabore momentos de leitura dos contos com novas conversas apreciativas em que as contextualizações com a obra possam ser realizadas coletivamente. Assim, retome as leituras dos contos que você e sua turma forem relacionando com os outros materiais que terão à disposição.

Habilidade da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizada:

- ▶ (EM13LP31) Compreender criticamente textos de divulgação científica orais, escritos e multissemióticos de diferentes áreas do conhecimento, identificando sua organização tópica e a hierarquização das informações, identificando e descartando fontes não confiáveis e problematizando enfoques tendenciosos ou superficiais.

Pós-leitura

Após realizadas as leituras, essa é a etapa de organizar a produção dos vídeos. Para isso, elabore coletivamente um roteiro para o planejamento das etapas de produção e

das decisões necessárias. Procure considerar as habilidades dos estudantes: quem gosta de filmar, quem gosta de atuar, quem gosta de editar vídeos, quem prefere ficar nos bastidores organizando a filmagem, enfim, é importante que todos se responsabilizem pelo trabalho.

Com os vídeos prontos, marque um dia para o lançamento e decida com a turma quem serão os convidados. Uma boa ideia é divulgar essa produção no *site* da escola (se houver) ou em outra rede: o importante, na verdade, é que o trabalho cumpra a sua função social.

Habilidades da BNCC (BRASIL, 2018) mobilizadas:

- ▶ (EM13LP17) Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (*vlog*, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, *podcasts*, *playlists* comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.
- ▶ (EM13LP34) Produzir textos para a divulgação do conhecimento e de resultados de levantamentos e pesquisas – texto monográfico, ensaio, artigo de divulgação científica, verbete de enciclopédia (colaborativa ou não), infográfico (estático ou animado), relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, reportagem científica, *podcast* ou *vlog* científico, apresentações orais, seminários, comunicações em mesas redondas, mapas dinâmicos etc. –, considerando o contexto de produção e utilizando os conhecimentos sobre os gêneros de divulgação científica, de forma a engajar-se em processos significativos de socialização e divulgação do conhecimento.
- ▶ (EM13LP18) Utilizar *softwares* de edição de textos, fotos, vídeos e áudio, além de ferramentas e ambientes colaborativos para criar textos e produções multissemióticas com finalidades diversas, explorando os recursos e efeitos disponíveis e apropriando-se de práticas colaborativas de escrita, de construção coletiva do conhecimento e de desenvolvimento de projetos.

APROFUNDAMENTO

Ao trabalharmos com este livro, acabamos por discutir sobre dois gêneros literários que, de maneira geral, são muito aceitos pelo público de estudantes do Ensino Médio: contos e crônicas. Sobre os contos, por mais difícil que seja defini-los com precisão, o

contato com esse gênero acontece desde a Educação Infantil, atravessando todo o Ensino Fundamental; já as crônicas, apresentadas quando os estudantes já têm um percurso literário iniciado, não causa estranhamento já que a estrutura é muito familiar.

O pomar da literatura é composto de diferentes espécies: a poesia, que pela sua delicadeza, comparo à uva; o romance, que, pela sua densidade, me lembra uma jaca (não dá para comer toda de uma vez e se presta muito para fazer doces e filmes); o conto, que, para ter qualidade, precisa ser redondo como uma lima; a novela, que, a meio caminho entre o conto e o romance, poderia ser um melão: e a crônica, que, pela variedade e popularidade, equivale à laranja. O conto e a crônica, como se vê, são parecidos e às vezes até confundidos sob um olhar apressado. O conto, como a lima, tem a casca mais fina e pode ser mais agradável a um paladar delicado. A crônica, casca mais grossa, não requer tantos cuidados para frutificar. Cresce até em publicações periódicas, como jornais e revistas, mas nem por isso seu valor nutritivo é menor: contém todas as vitaminas necessárias à formação de um leitor. As crônicas, como as laranjas, podem ser doces ou azedas; consumidas em gomos ou pedaços, na poltrona de casa, ou virar suco, espremidas nas salas de aula. (NOVAES, 2000, p. 3-4).

Assim, quando nos é pedido para definirmos os limites e as fronteiras entre o conto e a crônica no sentido de diferenciá-los, não é pela sua definição estrutural que encontramos a solução. Muito pelo contrário: ambos os gêneros podem ser definidos como uma composição curta. Dessa forma, precisamos analisar outros aspectos para que essa discussão fique livre da “pressa” em categorizá-los.

Maria (1992) afirma que não podemos olhar para o conto com os óculos embaçados por teias de aranha do passado, pois correríamos o risco de começar a dizer: “isso não é conto”, “isso também não é conto”, “isso não é conto”, recorrendo à definição autoritária do século XVIII. Com a crônica essa questão também deve ser evitada, ao considerarmos a crônica sempre como uma produção efêmera, altamente perecível.

Ler este livro nos faz enxergar essa questão por outro viés, pois nos questionamos o quanto de crônica há no conto ou vice-versa. Essa questão talvez não faça sentido para outros escritores, mas para o “velho Braga”, segundo Cunha (2014, p. 9):

De fato, observados os limites impostos pelo suporte em que aparece, a crônica torna-se um gênero onde tudo cabe – inclusive outros gêneros: casos, cartas, pequenas cenas teatrais, poemas, prosas poéticas, imitações da Bíblia, diários etc. Nela, cabem também todas as abordagens, todos os tons, do lírico ou dramático ao mais refinado humor ou escancarado deboche.

E lembrando-se sempre da importância do trabalho com a literatura na escola:

A escola, em seu papel de formar leitores, tem agido com o intuito de formar leitores para o consumo da própria escola, para a inserção em novas etapas da formação ou para o vestibular. A escola precisa, urgentemente, formar leitores para a vida e a sociedade, para ler o outro, para ler a multiplicidade das relações humanas que se processam na e pela vida social. No caso dos gêneros literários, é mais importante o aluno entender que eles surgiram em diferentes tempos e em consequência da própria vida social que se transforma – e também das necessidades de diálogo com as transformações que foram se impondo na sociedade – do que simplesmente catalogar, por meio de características, a maior quantidade possível de gêneros literários num processo de avaliação que às vezes não avalia a formação do leitor, mas sua capacidade de reconhecer e rotular. (GREGORIN, 2012, p. 152)

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

Para complementar o trabalho realizado com o livro *Melhores Contos Rubem Braga*, você poderá apresentar para a sua turma outras relações que a obra nos permite, tanto em relação à Literatura como em outras áreas de conhecimento e com outras manifestações culturais. Sugerimos, portanto, outras possibilidades interessantes para serem utilizadas durante as aulas e em seus planejamentos para ampliar os objetivos deste trabalho:

Sobre Rubem Braga e sua obra

CARVALHO, Marco Antonio de. *Rubem Braga: Um cigano fazendeiro do ar*. São Paulo: Globo, 2007.

Entrevista de Clarice Lispector ao cronista Rubem Braga. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2013/03/clarice-lispector-entrevista-rubem-braga.html>. Acesso em: 1 fev. 2021.

Site sobre a vida e a obra de Rubem Braga. Disponível em: <https://correioims.com.br/perfil/rubem-braga/>. Acesso em: 1 fev. 2021.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Crônicas*: Coleção “Para gostar de ler”, v. 1. São Paulo: Ática, 1997.

Livro de crônicas com os quatro maiores cronistas de nossa literatura brasileira: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade. Primeiro volume da Coleção “Para gostar de ler”.

ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Crônicas 2*: Coleção “Para gostar de ler”. São Paulo: Ática, 1998.

Livro de crônicas com os quatro maiores cronistas de nossa literatura brasileira: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas*: o valor da escuta nas práticas de leitura. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

Primeiro livro da autora publicado no Brasil acerca da importância de falar e ouvir sobre o que lemos. Leitura fundamental na formação de profissionais que trabalham com a escuta literária.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

Documento do MEC que aprofunda pontos dos Parâmetros Curriculares Nacionais e oferece alternativas didático-pedagógicas para a organização do trabalho na escola. Aborda a formação do leitor literário, considerando a leitura do texto literário sob a perspectiva da experiência estética.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: *Para gostar de ler*: crônicas. São Paulo: Ática, 1992. v. 5.

Texto de referência para os estudos da crônica literária.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura brasileira*: ensino médio. 2. ed. reform. São Paulo: Atual, 2000.

Livro didático sobre a literatura brasileira destinada aos estudantes do Ensino Médio.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*: a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007. Este é um livro fundamental para quem pretende refletir sobre as práticas docentes de leitura na sala de aula: Teresa Colomer trata da escola, dos leitores e dos livros e a relação desses três elementos no planejamento de atividades de leitura.

CUNHA, Antonieta. Prefácio. In: COLASANTI, Marina. *Crônicas para jovens*. São Paulo: Global, 2014.

Livro de crônicas de Marina Colasanti em que o prefácio é escrito por Antonieta Cunha, doutora em Letras e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura infantil em gêneros*. São Paulo: Editora Mundo Mirim, 2012.

Neste livro, o autor apresenta um estudo dos gêneros literários por meio da sua utilização em sala de aula, fazendo relações com exemplos possíveis de serem aplicados ou adaptados a qualquer realidade escolar.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

Livro da Coleção “Primeiros Passos” que traz reflexões fundamentais sobre a definição de conto. É uma leitura imprescindível para os primeiros contatos com a estrutura e análise de contos, com uma linguagem acessível e bem didática.

NOVAES, Carlos Eduardo. *A cadeira do dentista e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 2000. (Coleção Para gostar de ler, v. 15)

Livro que reúne as crônicas de Carlos Eduardo Novaes.

PORTAL da crônica brasileira. Disponível em: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas>. Acesso em: 1 fev. 2021.

Site dedicado ao estudo de crônicas e cronistas brasileiros.